

COMISSÃO PONTIFÍCIA
PARA A AMÉRICA LATINA
Reunião Plenária 2014

A EMERGÊNCIA EDUCATIVA
E A *TRADITIO* DA FÉ
NAS NOVAS GERAÇÕES
LATINO-AMERICANAS
Recomendações pastorais



LIBRERIA EDITRICE VATICANA

Comissão Pontifícia para a América Latina
Dirección Postal
Oficinas: Comissão Pontifícia para a América Latina
Palazzo San Paolo - V - 00120 Città del Vaticano
Via della Conciliazione, 1 Tel.: + [39-06]-69883131
I - 00193 Roma Fax: + [39-06]-69884260
Email: pcal@americalatina.va - Web: www.americalatina.va

Foto da capa: Jornada Mundial da Juventude (Rio de Janeiro, Brasil, 2013)

© Servizio Fotografico de « L' Osservatore Romano »

© Copyright 2014 - Libreria Editrice Vaticana
00120 Città del Vaticano
Tel. 06.698.81032 - Fax 06.698.84716

ISBN 978-88-209-9370-2

www.vatican.va

www.libreriaeditricevaticana.com

INTRODUÇÃO

De 25 a 28 de Fevereiro de 2014, teve lugar no Vaticano a Assembleia Plenária da Comissão Pontifícia para a América Latina. O tema escolhido para os trabalhos desta assembleia foi: «A emergência educativa e a *traditio* da fé nas novas gerações latino-americanas».

Os membros e conselheiros da Comissão Pontifícia, entre os quais muitos Senhores Cardeais e Bispos de diversos países latino-americanos, ofereceram contributos muito ricos e reflexões que serão oportunamente recolhidos nas Actas da dita reunião.

No final da Assembleia Plenária, realizou-se um intenso trabalho para recolher de forma orgânica um elenco de «recomendações pastorais» sobre o tema em estudo. Neste folheto apresentam-se pois, estas recomendações relativas à «educação e evangelização da juventude latino-americana ou, dito por outras palavras, à “pastoral juvenil”».

Os trabalhos da nossa Assembleia foram coroados e iluminados pela audiência que o Santo Padre concedeu a todos os participantes no dia 28 de Fevereiro, ultimo dia da Reunião.

Estou seguro que este folheto pode ser de grande interesse e utilidade para os Bispos e Episcopados na América Latina e para todos os que, com diversas responsabilidades, estão envolvidos nesta urgente tarefa.

MARC Card. OUELLET, P.S.S.
*Presidente Comissão Pontifícia
para a América Latina*

COMISSÃO PONTIFÍCIA
PARA A AMÉRICA LATINA

Recomendações pastorais

especial» que os jovens ocupam no coração do Santo Padre, e deste modo, no «coração da Igreja». «Queridos jovens: Jesus Cristo conta convosco – disse-lhes o Papa Francisco. A Igreja conta convosco. O Papa conta convosco». (Homilia na Santa Missa de 28 de Julho de 2013), e com estas palavras expressou clara e sinteticamente a experiência vivida neste extraordinário acontecimento.

No entanto, a missão de educar e evangelizar os jovens, se quer alcançar todos os jovens latino-americanos, transmitir-lhes uma fé sólida e proporcionar-lhes os meios para que cresçam numa vida cristã madura, não se pode limitar, certamente, a estes momentos culminantes. A JMJ no Rio foi uma «semente» no meio de um grande campo, mas não se pode deixar as sementes sem novas regas, sem cuidados, sem cuidar do seu crescimento, sem esperar e recolher todos os seus frutos. Por isso, um tempo decisivo da Jornada Mundial da Juventude é o «dia seguinte». Acaso se vai diluindo o entusiasmo e começa a pesar o passar cinzento dos dias e das horas, no «*trajin*» da quotidianidade, como se nada de importante tivesse acontecido?

A Jornada Mundial da Juventude, que teve lugar na terra latino-americana com uma vastíssima participação de jovens de diferentes países,

nesta hora do Papa que veio da América Latina, exige profundas reflexões e relançamentos no que concerne à educação e evangelização da juventude por parte da Igrejas locais de todo o «continente da esperança». Requer prioridades e critérios, compromissos e caminhos, para tornar muito mais efectiva essa «opção preferencial pelo jovens» que o Episcopado latino-americano assumiu nas suas Conferências Gerais de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

Por isso, pareceu especialmente oportuna a reflexão empreendida na Assembleia Plenária da Comissão Pontifícia para a América Latina, que teve lugar no Vaticano de 25 a 28 de Fevereiro de 2014, sobre o tema: «A emergência educativa e a *traditio* da fé nas novas gerações latino-americanas».

Recordando a opção preferencial pela juventude

2. É bom recapitular sinteticamente, como memória grata e comprometida, a opção preferencial pelos jovens nas sucessivas Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano.

Já na primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, no Rio de Janeiro (1995), se exortava a que «o apostolado (...) se intensifique na

juventude, propondo à consideração dos jovens a grandeza do ideal de viver, trabalhar e lutar por Jesus Cristo». Em Medellín, se retomava a «Mensagem aos Jovens do Concílio» afirmando que «a Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade e descobre nela um sinal de si mesma: ‘a Igreja é a verdadeira juventude do mundo’». É em Puebla quando se formula explicitamente essa «opção preferencial pelos jovens», assinalando que «a juventude latino-americana deseja construir um mundo melhor e busca, às vezes sem saber, os valores evangélicos» (...), de tal modo que «a sua evangelização não só preencherá as suas generosas aspirações de realização pessoal, mas também garantirá a conservação de uma fé vigorosa no nosso continente». Santo Domingo retoma literalmente esta opção, destacando que Jesus, «continua chamando hoje os jovens para dar sentido às suas vidas». E em Aparecida usa a bela expressão de Bento XVI chamando-os «sentinelas da manhã», salientando que estão convocados «para a renovação do mundo à luz do plano de Deus», porque «não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido». Assim, «como discípulos missionários, as novas gerações estão chamadas a transmitir aos seus irmãos jovens (...) a corrente de vida que vem de Cristo».

O reiterado compromisso assumido pelo Episcopado da América Latina requer que esta opção seja efectivamente preferencial na pastoral de conjunto de todas as jurisdições eclesiais da América Latina e na reflexão e programação dos episcopados nacionais.

Antes de tudo, abraçá-los com amor misericordioso

3. A primeira atitude que se requer da parte da Igreja e de todas as suas comunidades e agentes pastorais em relação aos jovens é a de Jesus no encontro com o jovem rico. Os evangelistas foram testemunhas de que Jesus, antes de dialogar, antes de catequizar, antes de qualquer proposta, «olhando-o nos olhos, amou-o». **A primeira atitude é abraçar a cada jovem e a todos os jovens com um amor misericordioso, que seja reflexo da misericórdia do Pai, revelada e cumprida pelo Filho, por graça do Espírito Santo; amor misericordioso da Mãe Igreja.** O ideal seria que todo o jovem pudesse fazer experiência desse olhar de amor, de sentir-se amado, e amado por um Amor que acolhe, que abraça e salva a vida de todos os seus limites e misérias. Um amor sem exclusões, nem discriminações preventivas! É a mesma experiência do Papa Francisco quando se define como «um pobre pecador no qual Deus pôs o

seu olhar». Ou a experiência do jovem Francisco de Assis que muda a sua vida quando se sente penetrado pelo olhar do Crucificado de São Damião. Acaso o Papa Francisco não propõem uma e outra vez a misericórdia misteriosa e fecunda que toca o coração das pessoas e em especial, dos jovens? É o Pai misericordioso da parábola que está sempre à espera do filho pródigo e que sai ao encontro com os braços abertos para fazer festa com ele. Se pensamos na parábola do bom samaritano, não podemos «passar longe» dos jovens que encontramos nos caminhos das cidades e dos campos, muitas vezes feridos e abandonados, mas temos que acolhê-los com a *caritas Christi*. Não os olhar como objecto de «conquista», mas com a gratuidade do amor.

Requer-se uma pastoral de escuta

4. É certo que as profundas e aceleradas transformações culturais e geracionais que se estão vivendo actualmente, colocam muitas dificuldades no que respeita à educação e evangelização dos jovens. Na América Latina e em todo o mundo fala-se de «mudança de época». A aceleração vertiginosa de mudanças, suscitadas em especial pela mutabilidade da tecnologia, corre o risco de arrastar,

sobretudo os mais jovens, em um turbilhão atemporal que atrai, mas que cansa e aliena, abundando as «distracções» que parecem inventadas para dissolver o interesse e a capacidade de colocar-se perguntas profundas e fundamentais sobre o sentido e o futuro da própria existência. Por isso, um recente documento da Conselho Pontifício para a Cultura assinala algumas atitudes verificáveis nas culturas juvenis emergentes como por exemplo o «presentismo» ou seja, a incapacidade de pensar o passado eo futuro em busca apenas o gozo deste –; o «emotivismo», como o fechamento às perguntas da razão acerca da verdade ou às tendências da vontade para o bem, procurando só a intensidade dos variáveis e efémeros sentimentos; ou o «egocentrismo», como ruptura das relações com realidades que estão mais além dos desejos subjectivos. E, no entanto, emergem também – às vezes confusos e outras vezes com singular lucidez – os desejos de amor e «sentido», justiça e felicidade arraigados no fundo do «coração». Indiferenças, transgressões e procuras se dão em formas complexas.

Entram em crise, pois, as velhas seguranças. Por isso mesmo, **a pastoral dedicada à juventude há-de ser uma «pastoral de escuta»**. Não podemos dar por certo que já sabemos tudo o que há que fa-

zer para evangelizar os jovens. Devemos estar muito próximos deles, na sua companhia, conhecê-los e escutá-los, para não correr o risco de responder a perguntas que eles não estão fazendo. Escutar os jovens e fazer parte da sua vida é a melhor maneira que temos para um aceso mais profundo ao seu coração, à sua liberdade, às suas mentalidades, comportamentos e estilos. Mais que rebuscados planos e estratégias pastorais, requer-se uma **capacidade de presença e companhia**, atentos aos «sinais dos tempos», em meio das transformações actuais que influem poderosamente na vida dos jovens.

Ruptura na transmissão geracional da fé

5. A tradição católica ainda tem certa vigência nos jovens latino-americanos. A agência «Latino-barómetro» diz-nos que 68% dos jovens latino-americanos afirmam um sentido de pertença à Igreja Católica e que 20% deles se declaram «praticantes» ou «muito praticantes». O afecto e entusiasmo que suscitou o Papa Francisco entre os jovens latino-americanos é quase unânime. Muitos preconceitos e resistências vão caindo. No entanto, «não podemos ignorar – como escreve o Papa Francisco na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, n.º.70 – que **nas últimas décadas se produziu uma ruptura na trans-**

missão geracional da fé cristã no povo católico. É inegável que muitos se sentem desiludidos e deixam de identificar-se com a tradição católica», crescendo «o número dos pais que não batizam os seus filhos nem os ensinam a rezar, e que há um grande êxodo para outras comunidades de fé». Por isso, **«a pastoral juvenil, tal como estávamos acostumados a desenvolvê-la sofreu o embate dos câmbios sociais.** Os jovens, nas estruturas habituais, geralmente não encontram respostas às suas preocupações, necessidades, problemas e feridas. Aos adultos custa escutá-los com paciência, compreender as suas inquietações ou as suas reclamações e aprender a falar-lhes com a linguagem que eles compreendem. **Por esta mesma razão, as propostas educativas não produzem os frutos esperados**» (idem n.105). Na V Conferencia Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, reconheceu-se que «na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral juvenil, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura actual e em particular, para os jovens» (n.100d).

A questão capital da educação

6. Educar nunca foi uma tarefa fácil. Mas hoje qualquer tarefa educativa parece cada vez mais ár-

dua e frágil. Por isso, o Papa Bento aludiu a uma «**emergência educativa**» para assinalar a crescente dificuldade que se encontra para transmitir às novas gerações os valores fundamentais da existência, as normas de um correcto comportamento e objectivos convincentes sobre os quais construir a própria vida, tanto a nível pessoal como social. Como transmitir às novas gerações razões, ideais e condutas para afrontar toda a realidade e, em especial, para viver e conviver, estudar e trabalhar, amar e lutar e esperar, assumir os sacrifícios necessários e crescer em humanidade, desenvolver as próprias potencialidades e servir a comunidade? Muitas vezes ausente dos grandes debates e programas políticos, no entanto, **a educação é questão capital para o futuro das sociedades latino-americanas**. Sabemos que tem importância fundamental o «capital humano» ou, melhor dizendo, da formação integral da pessoa e de todas as pessoas. A educação requer mais do que nunca grandes debates nacionais que envolvam as instâncias políticas, educativas, culturais e religiosas, assim como aos pais de família. Há que estar convencidos de que não há melhor investimento, nem maior riqueza, nem capital mais produtivo e rentável, do que aquele que desperta e cultiva a humanidade do homem, e que o faz cres-

cer na consciência da sua vocação, dignidade e destino. Se a educação não desperta e alimenta os desejos de amor e verdade, justiça e felicidade, dos quais está feito o coração da pessoa, não é verdadeira educação (Cf. *DA* 329-330).

Uma emergência educativa

7. Na América Latina, assiste-se a um acelerado e intenso crescimento da escolarização, mas com altas percentagens de deserção e uma educação frequentemente de baixa qualidade.

Muitas crianças e jovens sofrem condições de pobreza, um défice afectivo pela frequente desintegração familiar, uma instrução desadequada aos ritmos e exigências de sociedades cada vez mais complexas, inclusive com grandes dificuldades para motivar os próprios estudantes. Mais ainda, a acumulação de informações, conhecimentos e técnicas não se conjugam numa autêntica educação da pessoa. Assiste-se a modelos educativos «centrados prevalentemente na aquisição de conhecimentos e habilidades» e que «denotam um claro reducionismo antropológico, já que concebem a educação preponderantemente em função da produção, da competitividade e do mercado» (*DA* 328). As perguntas mais acutilantes dos jo-

vens sobre o sentido da vida, seus projectos de futuro e o significado da realidade, ficam fora dos recintos escolásticos, como se não fossem pertinentes. **Mais do que a família e a escola, são os meios de comunicação social, em plena revolução das comunicações, os que vão moldando a vida dos jovens através do seu potente influxo capilar.** Mediante a proliferação ininterrupta e caótica de imagens e informações, bombardeadas por milhões e milhões de estímulos de todo o tipo, é muito difícil que consigam afirmar a sua própria identidade, liberdade e responsabilidade. A sociedade do consumo e do espectáculo vai anesthesiando os corações, atrofiando os desejos e submergindo-os numa indiferença a respeito de si e dos demais.

A responsabilidade da família

8. Há que convocar as famílias cristãs numa indeclinável e insubstituível responsabilidade na educação dos filhos, na transmissão da fé e no acompanhamento da incorporação nas comunidades cristãs, da infância e da adolescência. O testemunho de amor fiel e fecundo dos pais e a profundidade dos afectos para com os filhos são uma marca indelével para o seu crescimento huma-

no e cristão. Os pais cristãos têm o dever de transmitir-lhes a fé católica que receberam e os valores evangélicos que orientem a sua vida. A família há-de ser «Igreja doméstica», comunidade de amor e vida na qual se aprenda a conviver e a rezar juntos. Nela há-de viver-se a castidade como alma de um amor verdadeiro. São os pais os primeiros responsáveis da educação dos seus filhos ao amor e à linguagem da sexualidade como dom de Deus. No entanto, a educação e a evangelização da juventude não podem ignorar que cada vez mais numerosos jovens procedem de mães solteiras, de matrimónios separados, de uniões consensuais, de «combinações» conviviais de todo o tipo. A eles especialmente há que mostrar-lhes o rosto paterno de Deus e o rosto materno da Igreja. É o amor misericordioso a melhor medicina para as feridas que se sofrem.

Todos esperamos muito das famílias, no entanto é importante situar-se perante a **fragilidade actual da instituição familiar**. São capazes, em geral, as famílias de levar por diante esta educação das crianças e dos jovens? O natural distanciamento que se produz na adolescência se converteu numa ruptura de vínculos familiares e de impotências de pais e mães, ainda que se proloquem os tempos de co-habitação.

Há necessidade de se recuperar concretamente, em experiências de vida, os elementos mais fundamentais que fazem a família (espaços e tempos de convivência, expressões de afectos, diálogos, trabalhos, diversões, oração). Há um contexto político, social, económico e ideológico que vão tirando, de facto, importância efectiva à família. Além disso, a família está muito mal tratada e assediada por campanhas de poderes que promovem a agressão contra a vida e a natureza e missão da relação matrimonial. **A Igreja há-de apoiar os matrimónios e famílias cristãs para que dêem testemunho da beleza e felicidade da sua vida e, ao mesmo tempo, apoiar os leigos católicos a custodiar e defender essa célula básica do tecido humano e social na praça pública.** Os «não» que se nos obriga a dar no debate público são necessários, mas por si mesmos, não atraentes. As mulheres e crianças e os jovens são as maiores vítimas das ditas campanhas, necessitados de especial companhia e protecção. Tanto o machismo como a ausência da figura masculina e paterna, constituem graves entraves para o crescimento humano e cristão dos jovens.

O diálogo inter-geracional

9. A «cultura do encontro» que o Papa Francisco propõe, requer «o diálogo inter-geracio-

nal», pois os jovens não podem ser compreendidos isolados do tecido familiar e social: «Um povo tem futuro – disse o Papa durante o voo que o levava ao Brasil – se vai em frente com dois pontos: com os jovens, com o dinamismo, por que o levam para a frente, e com os anciãos porque eles são os que trazem a sabedoria da vida». Na sua alocução aos dirigentes da sociedade no Rio de Janeiro, o Papa Francisco destacou que «o único modo de que uma pessoa, uma família, uma sociedade cresça; a única maneira de que a vida dos povos progrida, é a cultura do encontro (...)». Esta se manifesta no «diálogo entre as gerações, o diálogo com o povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade (...)».

Ante a frequente ausência dos pais, absorvidos pelos seus tempos de trabalho, os avós jogam cada vez mais um papel fundamental como companhia para as crianças e jovens: transmitindo a sabedoria da vida ajuda-os a tomar consciência de pertencer a uma história, a um povo, a uma nação, a uma família. Convertem-se também em protagonistas da *traditio* da fé. «Esta relação, este diálogo entre as gerações – disse o Papa no *Angelus* de 26 de Julho de 2013 – é um tesouro que temos que preservar e alimentar». Por isso o Papa pediu na Jornada Mundial da Juventude

no Rio os jovens presentes saudassem os seus avós como gesto de gratidão e carinho.

A aliança entre famílias e escolas católicas

10. É muito importante que se possa promover uma aliança entre famílias cristãs e instituições escolásticas católicas. A liberdade de educação é um princípio fundamental que se expressa, entre outras coisas, na liberdade e pluralidade de instituições educativas. Escolas, colégios e universidades católicas, são instituições que a Igreja sempre promoveu, criou e valorizou. Importa que as comunidades religiosas com carisma e vocação educativas, tenham muito presente a importância actual do serviço que prestam às pessoas, famílias, sociedades e Igrejas com as suas instituições académicas. O encerramento de qualquer destas instituições é, geralmente, uma ferida para a Igreja e um fracasso educativo. É de desejar e alentar que, ante a impossibilidade de continuar a gestão das ditas instituições académicas, as comunidades religiosas as ofereçam à Igreja diocesana, que tem que preocupar-se pela formação de mestres e docentes a todos os níveis, com uma séria responsabilidade e visão católicas. É também muito importante educar os pais de família a responsabilizar-se pelas e nas escolas

católicas, sem delegar só a elas a educação dos seus filhos. O fundamental é que estas instituições académicas não diluam, mas antes, fortaleçam a sua identidade católica, que há-de manifestar-se em toda a comunidade educativa, nas aulas dadas, na qualidade formativa e na sua sensibilidade e projecção sociais. Não poucas vezes estes centros aparecem confusos nas suas propostas pedagógicas, desprovidos de um projecto educativo com bases antropológicas sólidas e incapazes de transmitir a fé. Pelo contrário, a sua razão é anunciar e transmitir uma visão cristã do homem e da realidade. Por isso, requer-se que os centros educativos católicos estejam animados por núcleos directivos e docentes bem arraigados na comunhão da Igreja e entusiasmados por comunicar o Evangelho de Cristo como factor decisivo de crescimento em humanidade.

Começar e recomeçar desde o encontro com Jesus Cristo

11. Toda a educação católica e evangelização da juventude há-de estar centrada e animada pelo essencial da mensagem evangélica, ou seja pela redescoberta da alegria de sermos cristãos graças ao encontro pessoal com Jesus Cristo,

Deus encarnado, morto e ressuscitado para a nossa salvação. É a beleza de Deus que atrai por meio do fascínio desse encontro. Também para os jovens se aplica aquilo da Encíclica *Deus caritas est* quando diz que «não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas sim pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e com isso, uma orientação decisiva». **O primeiro, primordial e essencial é a proclamação do «Kerygma» aos jovens.** Como escreve o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, há que convidar cada cristão – e nós dizemos aqui, cada jovem – «qualquer que seja o lugar e situação que se encontre, a renovar agora mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, ao menos, a tomar a decisão de deixar-se encontrar por Ele, de tentá-lo, todos os dias sem descanso». Estas foram as perguntas que o Papa dirigiu aos jovens em Copacabana: «Hoje Jesus continua a perguntar-nos: quereis ser meu discípulo? Quereis ser meu amigo? Quereis ser testemunha do Evangelho? (...). Estás disposto a entrar nesta onda da revolução da fé? Não comunicar apenas «valores cristãos», mas o próprio Cristo! Pode ser muito ilusório pretender antepor uma formação doutrinal, moral e social aos jovens, dando por pressuposta, sempre

em modo cada vez menos realístico, a fé em Jesus Cristo.

Toda a catequese que não esteja precedida e animada por um encontro pessoal com o Senhor, ou que não conduza a Ele, corre o risco de ser incapaz de conduzir a um autêntico compromisso cristão. É questão fundamental repensar a fundo os itinerários de iniciação cristã. Estes têm que levá-los até ao encontro com o Senhor, que se faça experiência viva na participação sacramental e litúrgica. Com efeito, a Sagrada Liturgia é um dos lugares privilegiados desse encontro, pois pelo seu Espírito, Jesus está presente na Igreja, sobre tudo nas acções litúrgicas. O mistério de Cristo é comunicado aos fiéis na proclamação da Palavra e na celebração da Eucaristia. Há que renovar sempre e alimentar esse encontro, especialmente na eucaristia, mas também na oração pessoal e na *lectio divina*, assim como no serviço aos pobres. «Ouçam-no bem – advertia o Papa aos jovens num encontro vocacional no dia 7 de Julho de 2013 na Aula Paulo VI – a evangelização faz-se de joelhos».

Discipulado, caminho de formação cristã

12. Desde a iniciação cristã até o amadurecimento da fé, o encontro e sequela de Cristo, que

há-de tornar-se familiaridade e comunhão com Ele, hão-de marcar o caminho de um discipulado cristão dos jovens. Ante o clima de desintegração social e de crise familiar cada vez mais geral, é essencial transmitir-lhes o sentido «filial» que lhes dá a relação pessoal com Jesus Cristo, que os coloca na dimensão de ser «filhos no Filho». Filhos, em primeiro lugar, de um mesmo Pai e irmãos em Cristo.

A formação cristã dos jovens requer muita paciência. Implica tomar consciência da sua dignidade baptismal, como «criaturas novas», regeneradas como filhos de Deus, membros do Corpo de Cristo e templos do Espírito Santo. Um processo mistagógico há-de conduzi-los a viver e celebrar os mistérios da fé, a sacramentalidade da Igreja e, em especial, a participação frequente nos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia. É necessário também que cresçam no conhecimento dos conteúdos fundamentais do «Catecismo da Igreja Católica». Além disso, inseparavelmente, o seu discipulado os levará a conformar a vida ao estilo das bem-aventuranças. Sinal essencial do crescimento cristão será o de amar a Deus e aos seus irmãos, especialmente aos mais necessitados. Têm que ser, inclusive, ajudados a crescer numa mentalidade cristã como discernimento e juízo

perante todas as situações da vida. Deve-se-lhes propor a sua vocação à santidade, forjados numa disciplina de oração. Não se pode cair numa espécie de pelagianismo, confiando sobretudo a pastoral juvenil a um activismo de iniciativas, reuniões e actividades, sem considerar a acção do Espírito que nos precede no coração de cada jovem e nos ritmos próprios da graça de Deus. Por exemplo, corre-se o perigo de distanciar excessivamente o sacramento da Confirmação na idade dos jovens, sem considerar que de tal modo se atrasa consideravelmente a recepção dos dons do Espírito. Toda a verdadeira obra evangelizador se adequa aos dons e ritmos do Espírito, discernindo as suas moções.

Amar a Maria como Mãe

13. O sentido da filiação mariana, tão importante na religiosidade latino-americana, tem um lugar central na transmissão da fé aos jovens, pois contribui enormemente – como assinala o Documento de Aparecida – «a fazê-los mais conscientes da sua comum condição de filhos de Deus e da sua comum dignidade diante dos seus olhos» (*DA* 37). Neste mesmo sentido, é significativa a referência do Papa Francisco – dirigindo-se a um grupo de jovens peregrinos de

Piacenza Bobbio a 27 de Agosto de 2013 – a Maria como «Mãe da beleza, a Mãe da bondade e a Mãe da Verdade, para pedir-lhe a graça da coragem», pois ela pode obter-lhes, como afirmava o Papa, «a graça do valor para ir adiante e contra-corrente». Maria é a mãe cheia de carinho, ternura, consolo, protecção e esperança. Seria muito construtivo pensar com criatividade em promover um movimento de peregrinações marianas e, especialmente, em dar a conhecer mais à juventude latino-americana o significado do «evento guadalupano» e a mensagem do «*Nican Mo-pobua*», pois a beleza e a profundidade do seu conteúdo podem ser um caminho muito efectivo para um encontro pessoal com esta dimensão essencial da vida cristã dos jovens que é a filiação mariana.

A vida cristã como vocação

14. A vida cristã é antes de tudo, «vida». Ensinar aos jovens a ser cristãos, não consiste só em mostrar-lhes a «dimensão espiritual» da sua existência, com alguns momentos que a alimentam; evangelizar é ensinar a arte de viver e mostrar o cristianismo como o caminho mais humano e mais pleno para viver a vida em geral. Nisto consiste a tarefa educativa: **acompanhá-los e ajudá-los a descobrir a própria vida como vocação.**

Todo o cristão é um «chamado». Os dons de Deus são para responder ao chamamento. **Há que ajudar os jovens a descobrir os caminhos pelos quais Deus os chama a viver a sua vocação cristã, seja no matrimónio, seja no sacerdócio ordenado, seja na vida consagrada. A pastoral juvenil é pastoral vocacional.** A perspectiva vocacional é transversal a todos os estados e idades da vida. Hoje requer-se que a preparação para o matrimónio não se reduza a umas conversas episódicas imediatamente pré-matrimoniais, mas que haja um caminho de formação no amor, tendo muito presente uma adequada educação na afectividade e sexualidade criando um itinerário de namoro segundo modalidades a definir, para que os futuros esposos tenham consciência de que se trata de uma muito séria e bela vocação matrimonial. Certo é que esta educação ao amor, à afectividade e sexualidade saudável, é necessária para todos os estados de vida. Se bem que a América Latina tem necessidade de multiplicar os seus matrimónios e famílias cristãs, comprometidas com a fé e com a Igreja, é evidente que necessita também de muitas mais numerosas vocações sacerdotais e consagradas. Quantas mais famílias e comunidades cristãs estejam cheias de alegria e entusiasmadas pela fé e pela ora-

ção, certamente haverão mais respostas ao chamamento para o sacerdócio e para a vida consagrada. Há vastos sectores das nossas aldeias sem a presença vizinha e constante de um sacerdote, o que facilita a atracção a outras comunidades cristãs e diversas seitas. «Onde há vida, fervor, vontade de levar a Cristo os demais, surgem vocações genuínas», assegurava o Papa Francisco no Rio de Janeiro.

Acolher e promover o protagonismo dos jovens

15. É necessário educar os jovens a serem protagonistas da sua própria vida nos ambientes e na sociedade em que estão inseridos e também na vida da Igreja. Hão-de crescer assim contra as tentações do indiferentismo e relativismo imperantes na cultura. Numa Igreja verdadeiramente viva os jovens deveriam passar espontaneamente de meros espectadores ou «vítimas» a considerar-se verdadeiros protagonistas e responsáveis pelo crescimento pessoal e mudança social. Para isso, requer-se educá-los numa cultura do estudo e do trabalho, co-responsabilizá-los em todos os seus ambientes de vida. Dar-lhes os elementos para que contem com uma compreensão adequada dos dinamismos sociais e um juízo crítico em relação às estruturas e mentalidades

que atentam contra a dignidade da pessoa humana e o bem comum. Corresponde à novas gerações ser força activa de transformação e construção social, buscando condições de maior fraternidade e justiça na convivência. É importante que movimentos juvenis afrontem com paixão os desafios do desenvolvimento, democratização e integração da América Latina. «Moços e moças, por favor – exortou-lhes o Papa Francisco em Copacabana – não se metam na cauda da História. Sejam protagonistas. Joguem para a frente». Sejam «protagonistas da mudança. Por favor, não deixem que outros sejam os protagonistas da mudança. Vocês são os que têm o futuro».

Juntamente com isso, trata-se de educar, propor e promover um maior protagonismo dos jovens na vida e missão das próprias comunidades cristãs. Não são só destinatários da acção pastoral, mas sujeitos que se comprometem activamente em todas as comunidades, actividades e iniciativas eclesiais.

A experiência comunitária é muito importante e sentida pelos jovens. O «sentido de pertença» ajuda à consolidação e crescimento na fé. Os jovens têm que ser ajudados a sentir-se parte da Igreja a título pleno, como seus membros legítimos. Viver a Igreja como família, como casa e escola de comunhão, re-

sulta fundamental para que os jovens cresçam num amor à Igreja, como sacramento de unidade e salvação. Como assinala o Papa Francisco, «é a vida fraterna e fervorosa da comunidade a que desperta o desejo de consagrar-se inteiramente a Deus e à evangelização, sobretudo se essa comunidade viva ora insistentemente pelas vocações e se atreve a propor aos seus jovens um caminho de especial consagração». (EG 107). Em si mesmos, os movimentos eclesiais e as novas comunidades são canais, companhias e caminhos de participação de muitos jovens na vida e missão da Igreja.

É importante que os Bispos convoquem periodicamente grandes eventos diocesanos ou nacionais de juventude, que tenham similar atracção, capacidade de formação e força missionária que as Jornadas Mundiais da Juventude, pondo os jovens perante a realidade da pessoa de Jesus Cristo.

A Igreja pode também criar e propor com criatividade novos espaços de encontro, além dos tradicionais, para favorecer o contacto dos jovens entre si e deles com os Pastores. Nesse sentido, conviria recuperar e reformular a experiência dos Oratórios e adequá-los às situações actuais de vida dos jovens. A juventude sente-se também atraída por lugares,

modalidades e tempos fortes de espiritualidade, assim como pela liturgia, quando ela é celebrada com toda a sua dignidade e beleza. Um exemplo disso é o acolhimento que tiveram por parte dos jovens as celebrações eucarísticas e os momentos de adoração eucarística celebradas nas recentes Jornadas Mundiais da Juventude. Deve-se favorecer e potencializar, portanto, a devoção eucarística e outras actividades como procissões, peregrinações, exercícios espirituais...

Quanto mais arraigado esse sentido de pertença, mais os jovens se converterão em apóstolos de outros jovens. É fundamental mobilizar todas as melhores energias juvenis para entroncá-las na grande tarefa de uma «nova evangelização», especialmente em todos os ambientes de juventude.

Conversão da pastoral juvenil

16. A exigência de «**conversão pastoral**» resulta muito necessária para a realização de uma pastoral de juventudes. É toda a comunidade – assinala o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, n. 106 – que educa e evangeliza os jovens. Já não se trata de repetir cansativamente o que se está acostumado a fazer a este respeito. As pastorais juvenis nas diversas Igrejas locais da América Latina resultam, no geral, episódi-

cas, fragmentárias e muito limitadas. Não basta com a mera repetição literal da doutrina cristã, nem em ter-se pequenos grupos de jovens ocupados em atividades eclesiais.

Todas as comunidades cristãs hão-de ser especialmente acolhedoras para os jovens e próximas deles nos seus diversos ambientes de vida: escola, família, trabalho...atendam às suas necessidades, sofrimentos e esperanças, cheio de afeto, compreensão.

Os Bispos estejam próximos e dediquem todo o tempo necessário à juventude. **Os jovens necessitam encontrar-se com testemunhas credíveis, modelos e referências fortes de vida cristã, que cheguem a ser pais e mestres.** Há que preparar bons sacerdotes para acompanhar os jovens no seu caminho de discípulos missionários, alheios a todo paternalismo clerical ou mera fraternidade sem paternidade. O presbítero deve preparar-se para apresentar a mensagem de Cristo como «uma interpelação válida, compreensível, esperançosa e relevante para a vida do homem e da mulher de hoje, especialmente para os jovens» (DA 194).

Durante os estudos e a experiência pastoral nos Seminários e Noviciados se requer também preparar os futuros sacerdotes e religiosos/as para serem

sujeitos de uma autêntica pastoral juvenil. Tenha-se em conta, a este respeito, que muitos jovens que ingressam nos Seminários e Noviciados levam consigo muitas feridas provocadas por distúrbios matrimoniais e familiares, assim como dificuldades na formação da sua personalidade, do seu perfil humano, da sua afectividade, trazendo consigo, muitas vezes, uma deficiente tradição cristã.

Sair missionários até e com os jovens: “caminheiros da fé”

17. A conversão pastoral tem que ser, uma **conversão missionária**, superando toda a auto-referência ou ensimesmação eclesísticas, inclusive de grupos juvenis católicos. **Há que animar os jovens católicos a «sair» e ir ao encontro dos seus coetâneos, nos seus mais diversos ambientes de vida.** «Os jovens devem dizer ao mundo: é bom seguir a Jesus; é bom ir com Jesus; é boa a mensagem de Jesus; é bom sair de si mesmo para as periferias do mundo e da existência, para levar Jesus» dizia o Papa Francisco a 24 de Março de 2013.

¿Somos conscientes de que a maioria dos jovens não participam na vida das nossas comunidades cristãs, não assistem à Missa dominical e se sentem longe

da Igreja? A prioridade missionária tem que apontar a todos esses jovens que nem pensaram nem estiveram minimamente interessados em participar na Jornada Mundial da Juventude. O testemunho dos jovens católicos há-de ser tal que amigos, companheiros e os outros jovens que encontram se sintam atraídos pela sua forma de vida, pela alegria e esperança que comunicam, pelo amor que dedicam aos demais, pela solicitude no serviço dos necessitados, pelo seu compromisso na transformação de estruturas sociais iníquas e no serviço da vida, da dignidade das pessoas, do amor aos seus povos. Não-de mostrar na própria vida que o encontro com Cristo foi para eles a super-abundante resposta aos desejos de amor e de verdade, felicidade e justiça que trazem no seu coração.

Repitamos aos jovens o que disse o Papa Francisco em Copacabana: «A Fé é uma chama que se faz mais viva quanto mais se partilha, se transmite, para que todos a conheçam, amem e professem a Jesus Cristo, que é o Senhor da vida e da história». E depois prosseguia assim: «a Igreja necessita de vocês, do entusiasmo, da criatividade e da alegria que vos caracteriza. Um grande apóstolo do Brasil, o beato José de Anchieta, partiu a missionar quando só tinha 19 anos. Sabem qual é o melhor meio para evangelizar

os jovens? Outro jovem. Este é o caminho que há-de ser percorrido por vocês!». Por conseguinte, «que bom é quando os jovens são ‘caminhantes’ da fé, felizes por levar Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra!», escreve o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, n. 106.

O vasto mundo universitário, terra de missão

18. O vasto mundo universitário latino-americano é para a Igreja terra de missão. Nas últimas décadas cresceram muito as matrículas universitárias na América Latina. Está claro que a «pastoral universitária» foi muito descuidada nas Igrejas locais da América Latina. A presença da Igreja na cultura e nos ambientes universitários foi escassamente significativa e incisiva.

As Universidades católicas acolhem só a uma muito escassa parte das juventudes universitárias. Além disso é muito insuficiente e marginal o que a Igreja oferece realmente em termos de educação e evangelização das juventudes universitárias, especialmente nos âmbitos das Universidades estatais ou privadas não confessionais. Esta desproporção, é tanto mais grave quanto se dá em relação com a formação de sectores profissionais, intelectuais e dirigentes que

terão importantes responsabilidades no futuro das nações.

Não faltam algumas experiências positivas de capelanias e paróquias universitárias, assim como de movimentos eclesiais, mas é toda a Igreja local no seu conjunto, incluso a Conferência Episcopal, que tem que afrontar a fundo este vazio e a conseqüente responsabilidade evangelizadora. Renovar, repensar e revitalizar a pastoral juvenil requer necessariamente fazê-lo em relação com a pastoral universitária.

Anunciar o Evangelho no continente virtual

19. Assim como a Igreja continua enviando missionários aos cinco continentes, agora está chamada a enviar missionários para **anunciar o Evangelho no novo «continente» virtual criado pela Internet e redes sociais**, no meio da intensa e acelerada revolução das comunicações que ve os jovens como «nativos digitais». Há pois, que conhecer a cultura digital, nas suas providenciais oportunidades para difundir o Evangelho e também nos seus limites. As redes sociais têm uma enorme influência na vida dos jovens. Para chegar à geração digital, a Igreja deve ter uma presença pastoral nas plataformas dos meios sociais, inclusive com uma estratégia pastoral no anúncio do

Evangelho através delas. A riqueza de símbolos vivazes, música e imagens sensíveis da tradição católica, dão belas possibilidades a este respeito. Necessita-se de uma nova geração de evangelizadores e apologetas, cheios de entusiasmo, para descobrir novas maneiras de encontrar-se com as pessoas na sua procura da verdade nos mundos virtuais da Internet. Os jovens católicos são um potencial enorme para esta actividade evangelizadora e já existem muitas experiências importantes neste sentido; eles – assinala o Papa – «chamam-nos a despertar e a aumentar a esperança, porque levam em si as novas tendências da humanidade e nos abrem ao futuro, de maneira que não nos fiquemos ancorados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fontes de vida no mundo actual» (EG 108). É por isso que devemos considerar com atenção os novos «territórios de missão», ainda que caiba ter sempre presente que a lógica da encarnação faz que a comunicação do Evangelho necessite sempre de passar de pessoa a pessoa, de experiência a experiência, em todo o emaranhado da vida real.

Companhia e solidariedade com os jovens que sofrem condições de pobreza

20. Uma Igreja pobre e para os pobres tem que ser companhia especial para todos os jovens

e são tantos na América Latina, que vivem em condições de pobreza e de indigência. São os rostos de jovens nos quais se perpetuam as tremendas desigualdades sociais, «que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir nem de entrar no mercado do trabalho para desenvolver-se e constituir uma família» (DA 65). São os rostos de jovens desempregados ou submersos em empregos informais e muito precários, que não se sentem motivados nem para a escola nem para o trabalho e que muitas vezes têm que emigrar em condições penosas. São os rostos dos jovens que vivem em condições de marginalização e «exclusão» como a juventude indígena. São que sofrem condições agudas de vulnerabilidade e que terminam como vítimas da toxicod dependência e de outras adições, que são incorporados nas redes do narcotráfico ou nas redes violentas que são objecto do comércio de seres humanos. Eles completam na sua carne a paixão de Cristo. Como se actua concretamente a «opção preferencial pelos pobres» no que toca a todas essas contingências juvenis? Como a Igreja se faz presente entre eles? Como se edificam as comunidades cristãs acolhendo-os e promovendo-os como protagonistas da sua própria vida e da sua própria fé? Como a palavra e

as obras da Igreja se convertem em clamor profético pela dignificação desses irmãos e para a construção de sociedades mais fraternas para todos? São perguntas interpelantes para todas as comunidades cristãs da América Latina.

Educar para o compromisso social e político

21. A Igreja tem que ser educadora de novas gerações juvenis que vivam o seu cristianismo como serviço à sociedade, protagonistas da construção de condições de paz e de justiça, solidariedade e fraternidade em todos os países da América Latina. Neste sentido, a fé cristã há-de ser antídoto contra a apatia, o individualismo e a indiferença. Há-de ser profecia contra a escravidão dos ídolos do poder, do dinheiro e do prazer efêmero. A Doutrina Social da Igreja tem que estar incorporada no discipulado juvenil, para que os jovens católicos cresçam com clara consciência das dimensões sociais e políticas do Evangelho. Por isso, há que alentar todos os compromissos que os jovens assumem nos serviços de assistência e voluntariado, assim como nas lideranças sociais e populares.

Há que contrastar também o «crescente desencanto pela política e particularmente pela democra-

cia» (DA 77). Não se deve esquecer que a participação nelas é «fruto da formação que se faz realidade somente quando os cidadãos são conscientes dos seus direitos fundamentais e de seus deveres correspondentes (idem)». Além disso, precisa-se de uma nova geração de jovens latino-americanos que reabilitem a vida política como alto serviço de caridade e que se preparem e comprometam a assumir responsabilidades por isso, animados coerentemente pela fé e pelos ensinamentos da Igreja, assim como movidos pelo amor aos seus povos e do bem comum. O Papa Francisco pede aos jovens que não vivam a vida num balcão, que se metam nela, que sejam protagonistas da mudança. Toca aos Pastores criar modalidades novas e oportunas para acompanhar os jovens que, em meio de grandes dificuldades, se assomam à vida política, para que também nessa responsabilidade cheguem a ser testemunhas de Cristo e construtores valentes de formas mais humanas de vida para todos.

Toda a comunidade cristã é responsável pela pastoral juvenil

22. Assinala o Papa Francisco que «A proliferação e o crescimento de associações e movimentos predominantemente juvenis podem ser interpretados como uma acção do Espírito que abre caminhos no-

vos em sintonia com as suas expectativas e a busca de espiritualidade profunda e dum sentido mais concreto de pertença. Todavia é necessário tornar mais estável a participação destas agregações no âmbito da pastoral de conjunto da Igreja» (EG 105). Resulta fundamental levar por diante uma pastoral de comunhão e de colaboração em todas as suas instâncias de vida. Dioceses, paróquias, famílias, escolas, comunidades religiosas, movimentos e novas comunidades hão-de operar juntos, em plena comunhão e colaboração para a missão. Através dessa diversidade de instituições, carismas e modalidades, se enriquece a educação e evangelização da juventude. Há que evitar as situações de «feudos» comunicáveis. Pelo contrário, devemos saber aprender uns aos outros. Hoje em dia, o florescimento de movimentos eclesiais e novas comunidades que atraem e mobilizam muitos jovens, ajudando-os a crescer na fé como companhia comunitária e em itinerários e métodos de educação cristã, podem oferecer contributos muito valiosos para o conjunto da pastoral juvenil. Os Bispos hão-de saber e praticar a arte de ser sinais e construtores de unidade, com um discernimento de conjunto e um alento de todas aquelas modalidades de aproximação cristã aos jovens.

Concluindo a sua alocução aos Membros e Conselheiros da Comissão Pontifícia para a América Latina, a 28 de Fevereiro de 2014, o Santo Padre Francisco assinalava o seguinte:

«Queridos irmãos, os jovens esperam-nos, não os defraudemos. Convido-os a assumir este desafio com decisão. Que as comunidades cristãs de América Latina e do Caribe saibam ser acompanhantes, mestras e mães de todos e cada um dos jovens. Educar os jovens, evangelizar-los e converter-los em discípulos missionários é tarefa árdua, paciente, mas muito urgente e necessária. Confesso-vos que vale a pena. Saúdem os jovens em meu nome e digam-lhes que lhes peço o favor de que rezem por mim (...)».

E despedindo-se no aeroporto do Rio de Janeiro, ao concluir a Jornada Mundial da Juventude, acrescentou: «Eu continuarei a alimentar uma esperança imensa nos jovens do Brasil e do mundo inteiro: por meio deles, Cristo está preparando uma nova primavera em todo o mundo».

TIPOGRAFIA VATICANA

O acontecimento da JMJ no Rio de Janeiro: repensar a educação e a evangelização da juventude latino-americana

1. Ao longo do «Ano da Fé», nas areias da praia de Copacabana e nas ruas do Rio de Janeiro, no Brasil, fomos testemunhas, de 23 a 28 de Julho de 2013, de um grande acontecimento de graça: o impacto da fé católica celebrada com alegria e vitalidade. **Na Jornada Mundial da Juventude pôde-se ver e experimentar que, de facto, «a Igreja está viva», a «Igreja é jovem»,** como afirmava o Papa Bento XVI no começo da inauguração do seu ministério petrino.

O facto inédito do primeiro Sucessor de Pedro ter vindo do Novo Mundo Americano, o Papa Francisco, que presidia a esta Jornada, deu a este acontecimento uma frescura evangélica e apostólica tal que a fez chegar profundamente ao coração dos milhões de jovens presentes. Foi evidente o lugar «mais que

COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA A AMÉRICA LATINA



A EMERGÊNCIA EDUCATIVA
E A *TRADITIO* DA FÉ
NAS NOVAS GERAÇÕES LATINO-AMERICANAS

Recomendações Pastorais

REUNIÃO PLENÁRIA 2014

€ 5,00

ISBN 978-88-209-9370-2



9 788820 993702



LIBRERIA EDITRICE VATICANA